

Proletários de Todos os Países UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Todos unidos pela demissão imediata de Salazar e Santos Costa!

Todos unidos pela realização de novas eleições!

Pela unificação e direcção comum de todas as acções das forças populares e patrióticas em luta contra o salazarismo, através da criação dum amplo organismo de unidade!

A unidade é o imperativo nacional do momento presente, pois só a unidade conduzirá à vitória da liberdade e da democracia! A vitória está ao nosso alcance: para a conseguir impõe-se a unidade e a acção de todos!

Do documento da Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português de 1 de Julho de 1958

NA GRANDE JORNADA NACIONAL DE PROTESTO DE 1, 2 E 3

NOVAS GREVES E MANIFESTAÇÕES CONTRA A BURLA ELEITORAL!

BOICOTE QUASE TOTAL!

A NAÇÃO EXIGE UMA MUDANÇA IMEDIATA NA POLÍTICA NACIONAL!

QUE CESSEM AS PRISÕES E OS ASSASSINATOS DE PATRIOTAS!

QUE SALAZAR E SANTOS COSTA SEJAM DEMITIDOS!

QUE SE CONSTITUA NO PAÍS UM GOVERNO DE PORTUGUESES HONRADOS

QUE REALIZE ELEIÇÕES LIVRES E RESPEITE A VONTADE DO POVO!

As forças mais representativas da Nação, os milhões de portugueses e de mais diversa formação política e condição social que se opõem a Salazar — dos quais a heroica classe operária das nossas fábricas e campos constitui o sector mais vasto e combativo — estão decididas a operar rapidamente uma mudança na política e na governação do País.

Desde que em 8 de Junho, o povo se viu traído na maior burla eleitoral do Salazarismo, não se passa um só dia sem que novos milhares de portugueses se manifestem abertamente, de uma forma ou de outra contra os verdugos e assassinos que estão à frente do governo, contra os desavergonhados falsificadores da vontade nacional, contra a continuação de Salazar e Santos Costa no Poder.

Isto significa que as massas populares tomaram nas suas mãos a iniciativa e que não se detêrão até que brilhe de novo em Portugal o Sol da Liberdade.

Só os fascistas mais facciosos, os que apoiam ainda Salazar e Santos Costa e os ajudam a afogar em sangue o País, não compreendem ou não querem compreender, o carácter das transformações decisivas que se estão dando nas camadas mais profundas da Nação.

O que se passa hoje no nosso País é um movimento nacional de todo o povo, desde a classe operária à burguesia não monopolista, é uma verdadeira revolução popular de carácter pacífico, mas ao mesmo tempo poderosa, capaz de paralisar os intentos de violência e guerra civil da camarilha salazarista e de estabelecer no País um regime de concordia nacional.

Aqueles portugueses que compreendem o sentido dos acontecimentos da hora presente, em primeiro lugar os democratas e depois todos os anti-salazaristas civis e militares, devem assumir as suas responsabilidades e dar urgentemente os passos que se impõem para a unificação e direcção única das lutas populares.

A grande jornada nacional de protesto contra a burla eleitoral e a repressão fascista que acaba de ter lugar nos dias 1, 2 e 3 últimos, foi uma potente demonstração da vontade e disposição de luta dos portugueses e um grande passo em frente para a mobilização de novas camadas do povo contra o odiado regime

de Salazar.

Nesta grande jornada os operários e camponeses tiveram mais uma vez um papel que devemos destacar.

As notícias que nos chegam de todos os pontos do País mostram que o entusiasmo popular cresce cada vez mais e se multiplicam as acções de massas das mais variadas formas por reivindicações políticas e econó-

micadas pelas autoridades que os avisaram que só poderiam dar trabalho com autorização do comando da PSP e do Governo Civil e algumas empresas puseram anúncio pedindo trabalhadores. Porém, os grevistas logo que souberam disto concentraram-se à entrada das oficinas para impedir a entrada do pessoal.

No dia 2, a greve mantinha-se a-

«As lutas da classe operária, a acção legal do Movimento Nacional Independente, impugnando o resultado eleitoral e dispondo-se a continuar a luta legal pelos objectivos enunciados quando da criação do bloco eleitoral único das candidaturas do Dr. Atilio Vicente e do Gr. Humberto Delgado, demonstram a necessidade imperiosa da criação duma direcção única de todas as acções populares e da unificação de todas as vontades que desejam lutar por uma mudança de governo e de regime!»

Do documento da Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português

de 1 de Julho de 1958

micas.

Milhares de trabalhadores de Beja fizeram greve nos dias 1, 2 e 3

Depois de terem realizado diversos comícios num dos quais, em 27, participaram cerca de 500 operários industriais e agrícolas da cidade e arredores, os trabalhadores de Beja decidiram ir para a greve como protesto contra a burla eleitoral.

No dia 1, começou a greve em Beja mobilizando, principalmente, metalúrgicos e a quase totalidade dos operários da construção civil (num total de 603 trabalhadores) e nas freguesias que a cercam: Neves, Cabeça Gorda, Salvada, Boavista, Penedo Gordo, Vila Azeda, Baleizão e Quintos. Nos meios rurais a greve foi total, nem o gado foi guardado: «pela primeira vez e ao fim de 32 anos temos 3 dias de férias» diziam os pastores aos agrários.

Em Quintos e Baleizão a greve foi acompanhada de manifestações de rua onde os trabalhadores reclamaram novas eleições e a libertação dos presos políticos.

As mulheres de Beja desempenharam um papel muito activo em toda a greve incitando os trabalhadores. Uma delas foi presa e metida num «jeep» mas imediatamente o povo e principalmente as outras mulheres rodearam o carro e protestaram com tal firmeza que logo ali conseguiram a libertação da sua companheira.

Entretanto, os patrões eram cha-

pesar das medidas encetadas pelas forças repressivas para quebrar o ânimo dos grevistas, como a prisão de vários democratas e trabalhadores, a selagem das fábricas, etc.

A população recebeu a greve com nítida simpatia.

Neste dia, em consequência da PSP ter carregado sobre um grupo de 200 grevistas que estiveram concentrados durante hora e meia, o povo reagiu e um PSP, o Chinês, foi atingido com uma fígada num olho.

No dia 3 a greve mantinha-se.

A par da greve, o boicote aos jornais, ao cinema e à lotaria, assim como o luto de protesto foram massivamente seguidos.

Greves, Paralisações e Concentrações por todo o Alentejo

Por todo o Alentejo, deram-se outras greves, paralizações e manifestações de protesto.

Em Pias, a greve foi total, no dia 1. Mesmo as debulhadoras estiveram paradas todo o dia. Em Vale de Vargo, os trabalhadores voltaram a fazer greve nos dias 1 e 2 e manifestaram-se nas ruas. Em Serpa, voltaram a registar-se paralizações nos dias 1 e 2. Também em Ferreira do Alentejo houve paralizações no dia 3. Foram para a greve os trabalhadores da barragem de Montargil. Em S. Cristóvão, mais de 60 camponeses das debulhadoras paralizaram o trabalho. Em Alcórrego, nos dias 1, 2 e 3 ninguém trabalhou. Registraram-se também paralizações em Avis, Be-

navile e Escoural. Em todas estas localidades o luto de protesto foi quase totalmente seguido.

Em Aljustrel, a PIDE para impedir a greve dos mineiros, chamou alguns e ameaçou-os de prisão no caso de se dar a greve. Entretanto os mineiros reduziram a produção para 1/5 e na localidade o boicote aos jornais e cinemas foi total.

Em Montemor 2.500 pessoas no funeral de José Adelino dos Santos

No dia 26 de junho realizou-se o funeral do camarada José Adelino dos Santos. Para mais de 2.500 pessoas aguardavam a chegada do cadáver. Havia indignação, lamentações e choros. Mais de 300 praças da GNR armados de metralhadoras cercavam Montemor.

O funeral veio acompanhado desde Vendas Novas por uma caravana de dez (jeeps) da GNR, comandados pelo capitão Caldeira, de Évora. Andaram a dar voltas com o corpo para fugirem à multidão que o esperava. Mas a população rompeu os cordões da guarda que barravam o caminho do cemitério e concentrou-se neste em número superior a 1.500 pessoas. O funeral constituiu uma grande manifestação de repulsa contra os assassinos.

Mais um trabalhador de Montemor, António Ferrica, foi assassinado pela PIDE, na prisão, e assim Caxias estão presos mais de 240 trabalhadores daquela localidade.

No Escoural quando se soube do assassinato em Montemor, cerca de 100 trabalhadores largaram o trabalho. No dia do funeral muita gente daqui acompanhou o cadáver ao cemitério

Paralisações de 1.500 operários, em Olhão Comícios de 500 pessoas

Os trabalhadores de Olhão realizaram amplas reuniões, com vista a preparar a greve no dia 30. Com firmeza e entusiasmo os operários olhanenses dedicaram-se a este trabalho e diziam «Não pode continuar assim esta situação, é preciso ir para a greve e quanto mais cedo melhor!»

No dia 27, à tarde, realizou-se um grande comício em que participaram cerca de 500 pessoas homens e mulheres de todas as camadas sociais,

Para os contos (X)	5,00	Idem	130,00
Faite de 2 coupons	5,00	Suaveiro e sem alom.	400,00
Pela legalida- de (A)	300,00	Teberna ver três amigos	20,00
Pela firmaça do partido	500,00	Um amigo comerciantes	10,00
Pela firmeza na MDE	5,00	Um emi. co- munita 51-A	7,50
Idem	25,00	Idem	10,00
P. realinhão co Programa	50,00	Ferria	10,00
do Partido	100,00	Um emi. fixe	20,00
Pelo conver- so de Lúcio	50,00	Idem (A)	10,00
Pelo progresso do P. S.	50,00	Um emi. novo	25,00
Pela direção vários nos sindicatos	100,00	Um emi. novo	25,00
Por eleições	10,00	Um simpatis- ta novo	50,00
Princípio do fim	200,00	Um lebreiro	10,00
Refusos do P.	110,00	Uma uni. do P.	10,00
Próximo do P.	80,00	Idem	5,00
Rosa Verme- deira	550,00	Unidade para democ.	100,00
Rosa ver.	60,00	Unides ven- ceres (C)	143,00
Roses ver.	20,50	Vida de de- mocracia	100,00
Rosque ver.	62,60	Válido certa	235,00
Sapateiro	200,00	Viva A. Cunha	50,00
comunista	200,00	Idem (T)	250,00
Conceição	178,00	Viva a liber- dade	10,00
Idem	132,00	Viva o P. S.	75,00
Idem	35,00	Viva o V. Con- gresso (G)	400,00
Int. (A)	25,00		
Spunk II	32,00		
		Total	246,707